

MODELOS URBANÍSTICOS MODERNOS E PARQUES URBANOS:
AS RELAÇÕES ENTRE URBANISMO E PAISAGISMO EM SÃO PAULO NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

FABIANO LEMES DE OLIVEIRA

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR:

PROF. DR. JOSEP MARIA MONTANER

DOCTORADO EN TEORÍA E HISTORIA DE LA ARQUITECTURA
DEPARTAMENTO DE COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICA
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA - UPC

Março
2008

No mesmo ano Burle Marx apresenta um projeto paisagístico para o Parque. Isso se dá apenas depois de que os trabalhos da equipe de Niemeyer se definem. Portanto, antes que a idéia de parque pautada na estruturação geral inicial dos espaços livres e da implantação dos edifícios, é a definição do conjunto arquitetônico que determinou as suas características principais. Otávio Augusto Teixeira Mendes também realiza um estudo que, finalmente é o escolhido pela Comissão e que logo passa a ser implementado, tal como discutimos no capítulo 3.

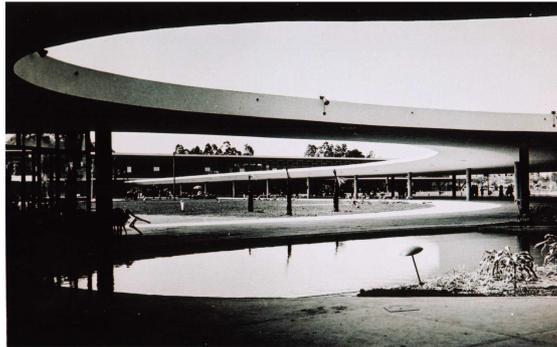


fig 52 - Foto da marquise.
Fonte: Museu Paulista da USP



fig 53 - Foto aérea da construção do parque, 1953.
Fonte: MANCHETE. 1954.

Inaugurado em 1954 e com fortíssima afluência de público durante os festejos, o Parque do Ibirapuera marcou a história paulistana. (fig 53) Apresentou um momento particular em que coincidiram os interesses pela criação de um parque, que se arrastavam historicamente, e o de expressar a exaltação otimista do progresso como motor do desenvolvimento econômico, social e cultural de uma cidade. Apesar disso, passou por um período de abandono, alterações dos usos propostos para os edifícios e de uma decadência acelerada nos anos subseqüentes aos festejos. Retomado como um dos principais espaços públicos paulistanos tempos depois, recuperou a vitalidade e seu papel no cenário metropolitano contemporâneo.

Então símbolo do presente e projeção do futuro almejado, representou um modelo de cidade moderna, em que o progresso material deveria se dar com a promoção de maior equidade social e crescimento espiritual do indivíduo. Revêm-se as pautas anteriores de projetos de parque na cidade, apresentando novo programa e novas formas. O influxo das discussões arquitetônicas e urbanísticas modernistas se fez nítido e com a construção do Parque do Ibirapuera passa a marcar decisivamente também o desenho desta tipologia de espaço público na cidade. Se a arquitetura moderna brasileira já alcançava galardões nacional e internacionalmente, com o Parque do Ibirapuera se realiza o grande parque modernista brasileiro do momento, e logo, com o concurso para Brasília, em 1957, também o urbanismo modernista no Brasil passará a ser discutido fortemente no cenário internacional. Procurar entender o percurso das concepções de

parque urbano e das idéias de movimento moderno no Brasil, sem passar pelo estudo do Parque do Ibirapuera é uma tentativa fatalmente destinada à incompletude. Concentra em sua história um caminho dissonante de concepções urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas que desvenda um intrincado processo de constituição dos referenciais de modernidade nestes campos no país até passada a metade do século XX. Exprime também as fraturas entre o ideal modernizador dos agentes envolvidos com sua construção e as permanências ideológicas, contradições e incongruências evidenciadas nos variados projetos, em sua construção e utilização posterior. Embora a cidade não tenha seguido os rumos engrandecedores e publicizadores da cultura, das artes e da instrução cidadã como imaginado, o Parque do Ibirapuera se concretizou como fundamental espaço público metropolitano e representante de um período de utópicas esperanças.

5.5 PARQUE, CIDADE E EDUCAÇÃO: A CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Interessa-nos tratar dos projetos para a Cidade Universitária por diversos aspectos, especialmente por se configurarem como um microcosmo dos debates acerca de como deveria ser pensada a relação entre parque e cidade no cenário de metropolização de São Paulo na metade do século XX. Também interessa, para o desenvolvido nesta tese, a participação específica de Burle Marx, que projeta os jardins do centro cívico, e cuja atuação é extremamente desconhecida, apesar de se tratar de um dos poucos projetos do paisagista para São Paulo no período. Publicamos e analisamos uma planta deste estudo, encontrado no Setor de Projetos da Biblioteca da FAUUSP, e que até onde se pôde verificar é material inédito.

A Cidade Universitária desde o princípio foi pensada como um grande parque em que os edifícios educacionais conviveriam com áreas residenciais, comerciais, recreativas, esportivas, reservas florestais etc. Seria a base onde a promoção do conhecimento, do exercício físico, do contato social e do passeio se aglutinaria na formação total do indivíduo moderno. Em relação à educação e ilustração intelectual do cidadão paulistano, deve-se sublinhar que também concorriam para esse sucesso as atuações do Convênio Escolar, com suas escolas, parques, bibliotecas e teatros populares; a construção do Parque do Ibirapuera, cujos edifícios deveriam após os festejos serem destinados a fins culturais e artísticos; a criação do Museu de Arte Moderna e das Bienais Internacionais de Arte de São Paulo, dentre outras iniciativas. A construção da Cidade Universitária fez parte, portanto, de um projeto maior de intervir na metrópole e caracterizá-la também como referência cultural e artística, dotá-la de uma modernidade que reafirmasse a importância da cidade no âmbito nacional, como a promovesse

internacionalmente. Neste sentido, os projetos para ela realizados foram elementos ativos dos debates urbanísticos, arquitetônicos e paisagísticos da cidade nos anos 50 e que importa dar destaque.

A injeção significativa de recursos para a construção da Cidade Universitária nos anos prévios e no ano do IV centenário de fundação, e a queda desses influxos no período subsequente demonstra como importavam as festividades na publicização dessas intervenções e como se constituiu um momento singular de olhares para a cidade. Parque e educação, parque e cultura passam a ser binômios de um projeto ideológico que se culmina com a realização da Cidade Universitária.

Embora tenha sido então que de fato se arregimentaram esforços para a construção do campus, a Universidade de São Paulo procurara desde o ano seguinte a sua fundação, em 25 de janeiro de 1934, agrupar as instituições de ensino em um mesmo local, através da criação de uma comissão que objetivaria a escolha de gleba para criação de uma cidade universitária. Buscava-se, assim, propiciar a integração das disciplinas na formação dos quadros universitários, bem como atender às necessidades de expansão dos institutos, laboratórios, bibliotecas e de outros prédios preparados para as atividades científicas desenvolvidas. A criação de cidades universitárias se fez particularmente intensa na primeira metade do século XX tanto no cenário internacional, sobretudo com as grandes realizações do México e da Venezuela, como no Brasil. Veja-se que a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, que teve estudos do italiano Marcelo Piacentini (que em 1927 havia projetado uma cidade universitária em Roma), de Le Corbusier, em 1936, e Lúcio Costa (e que somente foi inaugurada em 1953, com projeto modernista de Jorge Machado Moreira) representava para os realizadores da Cidade Universitária de São Paulo um exemplo a ser superado positivamente.⁶⁷ Pensou-se na utilização da área do Horto Florestal na Serra da Cantareira, na porção de terra atrás da faculdade de medicina e, em função das desencontradas opiniões, Armando de Salles Oliveira (um dos principais divulgadores da idéia de centralizar em uma mesma área os edifícios) decide nomear uma comissão com o fim de resolver a implantação da cidade universitária. Houve diversos anteprojetos para das diferentes áreas e a Fazenda Butantã (fig 54) aparecia como a melhor opção por diversos aspectos, sobretudo por não implicar gastos extremados com desapropriações e pela facilidade de comunicação com o centro. Com o Golpe de Estado, em 1937, o projeto de lei que entregava as áreas à universidade e permitia às desapropriações não se concretiza e apenas em 1941 se publicou o decreto-lei que definia os limites da área na qual seria construída a cidade universitária. Na seqüência, ainda em 1949, se cria a Comissão da Cidade Universitária, com a finalidade de definir o melhor plano e

comemoração do IV Centenário e onde deixa clara sua preferência para a utilização da Cidade Universitária para esse fim. Afirma o acolhimento de sua idéia por Reale e da presença de Anhaia Mello e Sousa Campos, membros da Comissão da Cidade Universitária, nos debates sobre o tema. Neves, contrário à eleição do Ibirapuera para a realização da Exposição Internacional de São Paulo e da construção de um “Palácio das Indústrias” em seus terrenos, alegara que: *“num parque como esse só devem existir edifícios correlatos, tais como restaurantes, dancings, etc. cuja arquitetura se harmonize com o ambiente”* e que *“a nosso ver o Parque do Ibirapuera deverá ser projetado nos moldes do Bois de Boulogne, do Prater e outros da Europa e Estados Unidos. Não devem figurar quaisquer edifícios aí a não ser os adequados a tais logradouros.”*⁷² Consta que Anhaia Mello também considerava que a Cidade Universitária fosse o local mais apropriado, e que as construções realizadas para a exposição programada ficariam para servir o ensino superior, integrando-se ao campus.⁷³ Conquanto atuassem Stockler das Neves e Anhaia Mello neste sentido, decide-se pelo Parque do Ibirapuera como local da Exposição Internacional, sendo à Cidade Universitária destinados eventos acadêmicos, como congressos e seminários. Também se programou dentro dos eventos relacionados com as comemorações do IV Centenário o lançamento da pedra fundamental da Cidade Universitária.

Além do assessoramento prestado a Reale, o papel de Christiano foi ativo nos projetos da Comissão. Em pesquisa no Setor de Projetos da Biblioteca da FAUUSP pudemos encontrar diversos estudos para a Cidade Universitária classificados como de autoria de Neves. Não se pode precisar os graus de participação dos outros membros da Comissão nestes projetos, embora seja provável uma atuação conjunta. Neste então se estabelecia pela Comissão da Cidade Universitária o plano de atuação, critérios e idéias fundamentais que o projeto deveria atender, dentre elas: a divisão da área em setores, a criação de uma *parkway* de entrada, a localização do centro cívico e a criação do lago.⁷⁴ Reproduzimos alguns dos estudos encontrados, em que se verifica o respeito por essas definições realizadas. Elas permaneceriam, de modo ou outro, nas propostas posteriores, tal como veremos. O primeiro estudo data de 01 de fevereiro de 1949 e se estrutura a partir de dois eixos perpendiculares que se cruzam na praça central. Configurou-se ainda em dois setores principais, um com geometrização acadêmica mais marcante, na metade mais próxima ao rio Pinheiros e de topografia menos acidentada, e outro com disposição mais flexível, na área de maior movimentação topográfica e onde se localizava área de reserva florestal. (fig 55)



fig 55 - Primeiro estudo de Christiano Stockler das Neves para a Cidade Universitária, 1949.
 Fonte: Setor de Projetos da Biblioteca da FAUUSP.

Em mapas municipais de 1951 (fig 57) e 1952, verifica-se a presença do mesmo traçado de uma das propostas da Comissão que reproduzimos abaixo. (fig 56) Na área mais próxima ao Pinheiros, mantém-se a *parkway* de entrada e a disposição geométrica dos edifícios agrupados de forma ovalada em torno à reitoria. Nas proximidades da entrada principal e dos terrenos vizinhos da Cia City e do Instituto Butantã (à esquerda do mapa), aparece uma área esportiva.

Destacamos também o uso de traçado curvilíneo pela Comissão da Cidade Universitária fazendo a transição destas imediações com o *campus*. O projeto previa ainda um jardim botânico, uma pista para aviação e um parque.



fig 56 - Estudo para a Cidade Universitária.
 Fonte: Setor de Projetos da Biblioteca da FAUUSP.

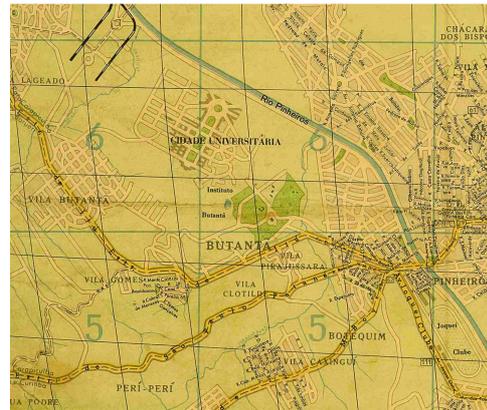


fig 57 - Parte de Mapa da cidade de São Paulo mostrando a área da Cidade Universitária, 1951.
 Fonte: Site da PMSP.

Em outro estudo a área esportiva encontra-se do outro lado do rio Pinheiros e a entrada principal se faria pelo meio deste parque, perpendicularmente ao rio, e não pela avenida vizinha ao Hipódromo. Após o lago, na direção da área de bosque natural, o pintoresquismo do desenho chama a atenção, como se se tratasse de um parque paisagístico em que as quadras aparecem como canteiros serpenteantes. Tal proposta reforça nossa hipótese de que Robert Moses ao indicar em seu relatório a construção de um parque esportivo nas proximidades da Cidade Universitária estivesse se referindo justamente a essa área. Recordemos que Prestes Maia no

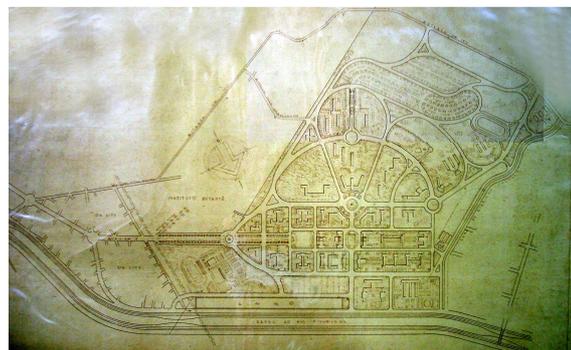
Plano de Avenidas também havia atentado para a construção de um Parque no Butantã. Assim, Moses, possivelmente ao tomar contato com os estudos que se realizavam para a cidade, informou-se sobre estas proposições, considerando por sua vez que a área devesse de fato ser destinada à construção de um parque público.

Na sucessão dos anteprojetos, se estabilizam as posições da área esportiva, do lago, da avenida de entrada e do centro cívico. A divisão visual da área em duas partes se mantém, sendo a de maior movimentação topográfica destinada em geral à criação de um grande parque aproveitando-se da vegetação nativa existente e onde o viário buscava adaptar-se às movimentações do terreno. Os dois eixos compositivos se preservam, (fig 58-59) perdendo força no correr da década de 50 e, sobretudo, com o replanejamento de Hélio Duarte em 1956.



fig 58 - 59 - Estudos para a Cidade Universitária.

Fonte: Setor de Projetos da Biblioteca da FAUSP.



Em boa medida, os projetos para a cidade universitária se conceberam como grandes parques em que se disporião os edifícios. Inicialmente, percebe-se a maior influência dos ideários pinturescos e de traçados acadêmicos conjugados, que se alteram em direção a uma maior simplificação geométrica e à adoção de preceitos modernistas a partir de 1956. Vale destacar que em boa parte dos estudos iniciais, a criação do grande eixo paralelo ao rio Pinheiros se assemelha fortemente ao que cria Dierberger no primeiro estudo para o Parque do Ibirapuera. (fig 25 e fig 29) Coincidência ou não, o fato é que havia claros intercâmbios entre a prática paisagística e urbanística no cenário paulistano, em que se verifica amplo diálogo e uma influência mútua entre os dois campos disciplinares.

Importa verificar como se deram as eleições de linguagem e porque as soluções modernistas passaram a ter lugar destacado. Desde já ressaltamos que a decisão final por projetos modernistas não se pode entender como a representativa de todo um período, como a opção “vencedora” e majoritária, mas sim como resposta possível tomada a partir de um conjunto de circunstâncias. Pelo contrário, coexistia e se debatia com respostas completamente distintas, que persistiam de momentos anteriores ou que se construíam contemporaneamente. Um exemplo claro dessas disputas pode se ver em artigo na Revista de Engenharia, em que o tema das linguagens a serem utilizadas era central:

Um debate acalorado vem se travando acerca do estilo a ser adotado na construção dos edifícios universitários. Uns, os tradicionalistas, reclamam o barroco jesuítico; outros, os modernistas, preconizam uma inteira liberdade na concepção arquitetônica, baseados, ao que supomos, no caráter funcional dos edifícios em projeto.⁷⁵

A chamada de arquitetos filiados ao ideário modernista era por sua vez coerente com as decisões relativas ao Parque do Ibirapuera, tomadas pela Comissão do IV Centenário, então liderada por Francisco Matarazzo Sobrinho. Importa alertar para o fato de que sua influência também se deu na Comissão da Cidade Universitária, através de relações pessoais, políticas e profissionais. É fundamental perceber que a construção da Cidade Universitária era do mesmo modo um dos eventos a serem realizados para as comemorações de 1954 e que por determinados autores, como Stockler das Neves, deveria ser mesmo o centro das festividades. Portanto, não é de se estranhar que ambas as comissões possuíam inter-relações diversas e projetos comuns. Se o Ibirapuera acabou se configurando como palco privilegiado das festividades, como o grande parque metropolitano de São Paulo e em que a linguagem modernista se via por determinados grupos como a mais adequada para a representação deste momento; para a cidade universitária - novo núcleo das artes, cultura, ciências e esporte - também o modernismo aparecia como símbolo e expressão de modernidade.

As diretrizes de projeto iniciais para o campus do Butantã foram finalmente apresentadas, em 1954, (fig 60) em publicação da Comissão da Cidade Universitária, assinada por Campos. Explícita-se como se pautaram na divisão da área em setores e destes em categorias de uso e como uma das principais preocupações foi que se criasse um novo núcleo de desenvolvimento urbano, em que se dispusessem os edifícios em meio a extensas áreas verdes. Inúmeros projetos urbanísticos e de edifícios foram realizados e importa elencar alguns arquitetos e engenheiros que atuaram diretamente nas realizações daqueles anos, colaborando com o Escritório Técnico da Comissão da Cidade Universitária, como: Rino Levi, seu sócio Roberto Cerqueira Cezar,

Ícaro de Castro Mello, Gio Ponti, Carlos Milan, dentre outros. Da verificação destes nomes e de suas trajetórias percebe-se o nítido deslocamento do posicionamento da Comissão acerca da definição da imagem da Cidade Universitária que se pretendia. Assim, a linguagem modernista - que preponderara também na realização do Parque do Ibirapuera, nos edifícios do Convênio Escolar e se publicita no MAM e nas Bienais Internacionais de São Paulo dentre outros - se efetiva tanto no plano urbanístico, como se verifica no projeto dos edifícios e no convite a Burle Marx para que realizasse o projeto paisagístico para o centro cívico da Cidade Universitária. A disposição dos edifícios em grandes áreas verdejadas, conformando super-quadras; a regularização do viário em que prevaleciam as rápidas e diretas comunicações, e a arquitetura dos blocos acenam para a atenção dispensada ao legado corbusiano do quarto CIAM, e da *Ville Radieuse*: a cidade-parque moderna.⁷⁶

Vemos que nessas disputas, tanto para o Parque do Ibirapuera como para a Cidade Universitária, Christiano Stockler das Neves verá frustrados seus projetos. No primeiro, preterido em função da chamada de Oscar Niemeyer para a realização do projeto final e neste último, por um grupo de arquitetos também distantes de seus ideários, como Levi e Cerqueira Cezar. Talvez como consolo tenha-lhe servido o fato de que nem para o Ibirapuera e nem para a Cidade Universitária os projetos de Burle Marx tenham sido executados.

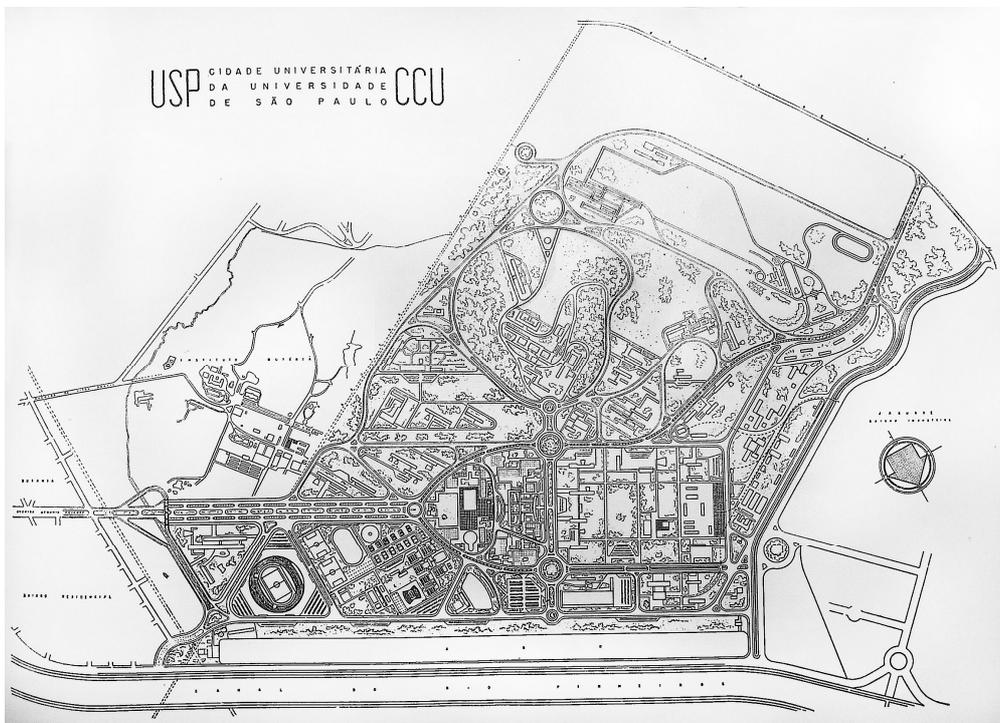


fig 60 - Projeto da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, apresentado pela Comissão da Cidade Universitária em 1954.
Fonte: CAMPOS, 1954.